

## A Internet Ameaça a Cultura Impressa?

**Girlene Marques Formiga**

Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba

gformiga@uol.com.br

**RESUMO:** Graças ao desenvolvimento das novas tecnologias, os leitores convivem atualmente com uma diversidade de textos os quais fogem da tradicional cultura letrada impressa, promovendo outras práticas de leitura, a exemplo dos denominados hipertextos, textos inscritos na tela do computador, divulgados e comercializados pela *web* notadamente em fins do século XX. Nesse sentido, este artigo discute a convivência dos leitores com a cultura impressa e o crescente número de edições em vários gêneros que veiculam nos dias de hoje na Internet. Para tanto, empreendemos leitura bibliográfica, apoiando-nos em dados de pesquisa, de fontes nacional e internacional, além de sites disponíveis na *web*. Nossas conclusões pairam, assim, sobre uma democratização da leitura a partir da utilização de vários suportes nos quais os textos são inscritos.

**Palavras-chave:** Internet, cultura letrada, leitura, leitores.

**ABSTRACT:** *Thanks to the development of new technologies, nowadays readers deal with a diversity of texts which differ from traditional literate printed culture, promoting other reading practices, as the so-called hypertexts, texts input on the computer screen, spread and commercialized by the Web, remarkably at the end of the 20th century. In this sense, this article discusses the readers' familiarity with printed culture and the increasing number of issues in several genres conveyed, at the present, in the internet. Hence, we accomplished bibliographical reading based on research data, national and international sources, as well as sites available in the Web. Our conclusions focus on reading democratization from the use of several formats, in which texts are input.*

**Keywords:** *Internet, literate culture, reading, readers.*

## 1. Introdução

No momento em que cresce consideravelmente o número de textos veiculados na mídia eletrônica, o mercado editorial, professores e pesquisadores da área de leitura receiam o distanciamento dos leitores, especialmente daqueles que apresentam mais intimidade com as novas tecnologias da informação, como o público mais jovem. O aumento do interesse pelos destinos da leitura é um dos campos que mais se desenvolveu nas últimas décadas, especialmente entre os profissionais de Letras, Educação, Sociologia e História.

No que concerne aos estudos das mentalidades culturais, encontramos nas reflexões dos críticos franceses Michel de Certeau (2000), Roger Chartier (1999, 2001, 2002, 2003), Robert Darnton (1990), e do norte-americano D. F. McKenzie (2004) importantes contribuições para pensarmos acerca da história da cultura letrada, incluindo o livro, o leitor e os vários suportes nos quais foram registrados ao longo do tempo os escritos da humanidade.

O novo suporte tecnológico que atualmente parece disputar lugar com a leitura apresenta uma vinculação histórica de longa duração na cultura escrita. O que lemos atualmente em forma de *e-book*, por exemplo, já ganhou em outros momentos da história materialidades relativas ao reino mineral, animal e vegetal, tenda em vista que os textos virtuais já foram inscritos tanto na firmeza da pedra, do marfim, das conchas, da cerâmica, quanto na maleabilidade da argila, da cera, da pele de animais e do papiro. A princípio, tais inscrições foram sobrepostas nos manuscritos em forma de rolos na Antiguidade grega e romana, denominados *volumen* em latim, os quais depois foram substituídos pelo códice, objeto impresso tal como o conhecemos hoje, formado por uma sucessão de folhas de papel. A invenção de produzir o livro por meio de caracteres metálicos da tipografia cabe ao alemão Johannes Gutenberg durante o século XV.

As mudanças materiais, no entanto, não constituem as únicas transformações da leitura, considerando que esta não foi feita sempre como o fazemos hoje, isto é, de forma solitária e silenciosa<sup>1</sup>. A cultura letrada já alcançou na transmissão

oral e coletiva o seu apogeu, a exemplo das práticas nas Igrejas, nos Tribunais, ou simplesmente nas articulações cultural e política entre os operários no século XIX. Assim, a oralização de textos escritos durante séculos, quando a quantidade de impressos era tão pequena quanto seu acesso à população, já fez parte de práticas culturais que extraía das letras impressas no papel, repassando o conhecimento através dos instrumentos da memória e da escuta. A esse propósito, Márcia Abreu, no mesmo artigo, faz a seguinte justificativa:

“Nossa idéia corrente do que seja ler é, em grande medida, tributária de idéias e imagens construídas no final do século XVIII e ao longo do XIX que foram fortes a ponto de fazer parecer que ler sempre foi aquilo que mostravam. Se as práticas anteriores podem nos parecer estranhas, situações criadas no XIX nos são bastante familiares, especialmente aquelas fixadas em pinturas da época.”

## 2. O Brasil lê

A operação de ler permanece através dos séculos, mudando ou acrescentando novos meios de acesso ao texto. Algumas dessas práticas nem sempre são socialmente valorizadas, o que faz repercutir certos discursos de que os brasileiros não lêem. Ao contrário desse julgamento, a segunda edição da pesquisa *Retrato da Leitura no Brasil*<sup>2</sup> – realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), a pedido do Instituto Pró-Livro, divulgada em maio de 2008, cujo objetivo é conhecer o comportamento do leitor brasileiro principalmente com relação aos livros bem como levantar junto aos entrevistados suas opiniões a respeito da leitura – mostrou alguns dados surpreendentes: o brasileiro lê, em média, 4,7

---

história e modalidades, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. Também disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/> Acessado em 15 de maio de 2008.

<sup>2</sup> A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” está disponível em <http://www.camaradolivro.com.br/docs/Retratos%20da%20Leitura%20no%20Brasil>. Acessado em 20 de junho de 2008.

---

<sup>1</sup> A pesquisadora em leitura no Brasil Márcia Abreu do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – discute as Diferentes formas de ler - Práticas de Leituras:

livros por ano, e compra, em média, 1,2 exemplar por ano, incluindo o acesso através da *web*.

A enquete, realizada entre novembro e dezembro de 2007, baseou-se em 5.012 entrevistas realizadas com pessoas a partir de 5 anos de idade, com uma abrangência em todas as capitais e regiões metropolitanas, 311 municípios de todas as unidades federativas – o que corresponde a um universo estimado de 172.7 milhões de pessoas. Assim, o discurso negativo da não-leitura no Brasil se invalida na medida em que, do montante pesquisado, 60 milhões de brasileiros (35%) declaram gostar de ler em seu tempo livre, dos quais 38 milhões dizem fazer isso com frequência. Nesse aspecto, a pesquisa é muito clara ao registrar que *o ler refere-se a qualquer suporte e não só a livros*. Quando indagados sobre o significado da leitura, 3 em cada 4 brasileiros entrevistados, em resposta espontânea e única, apresentaram resultados positivos, assim distribuídos: 26% entendem a leitura como conhecimento; 8% como algo importante e crescimento profissional; 5% como sabedoria e desenvolvimento cultural; e 4% como importância social, prazer e melhora da educação.

Em um país cuja população de analfabetos corresponde a 18%, segundo dados de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é animador constatar o visível interesse dos brasileiros pela leitura bem como verificar que tais leitores admitiram ter lido pelo menos um livro durante os três meses anteriores à pesquisa, equivalente a 55% dos consultados.

Das 60 questões aplicadas no questionário estruturado por meio de entrevistas presenciais com duração média de 60 minutos feita nos próprios domicílios, outro questionamento nos chama a atenção: o da frequência da leitura por tipo de suporte. Através dessa indagação, constatou-se que os textos veiculados na Internet bem como os livros digitais (*e-books*) fazem parte do repertório cultural dos leitores juntamente com os demais suportes votados: revistas, livros em geral, jornais, livros indicados pela escola, textos escolares e gibis. Além disso, no questionamento das principais formas de acesso ao livro, os baixados gratuitamente pela *Web* concorrem com os comprados, emprestados, presenteados ou distribuídos pelos programas governamentais nas escolas. Já entre os canais do mercado para tal acesso, a Internet também ganha espaço entre as livrarias, bancas de jor-

nais, sebos, feiras de livro, igrejas, supermercados, vendedores ambulantes e escolas.

O Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe – CERLALC, um órgão intergovernamental ibero-americano, criado pela Unesco, cuja missão é promover a integração da região através da leitura, também desenvolveu um estudo voltado especialmente para a situação do mercado editorial no ano de 2007, a fim de conhecer os rumos que esse setor vem tomando recentemente. A pesquisa – intitulada *Percepción sobre el clima empresarial editorial en el 2007 y tendencias a corto plazo*<sup>3</sup>, reunindo informações de 114 empresas do setor livreiro, das quais 8 são brasileiras – corrobora o fortalecimento do mercado editorial do livro no momento em que se registra o aumento das vendas desses impressos no período de 2007 em relação aos anos anteriores.

Os dados dessas pesquisas revelam, pois, a progressiva valorização da leitura em todos os suportes: livro, revista, jornal e hipertextos, demonstrando que não há concorrência entre as maneiras de registrar os conteúdos por escrito para os leitores usuários da rede. Diferentemente dos que julgam que a Internet representa uma ameaça à cultura impressa, tais informações configuram uma amostragem de que o livro continua tendo, sim, um lugar assegurado entre as práticas de leitura. Nesse sentido, devemos reconhecer o acesso eletrônico como mais um instrumento de disseminação da leitura tão socialmente valorizado quanto o livro impresso.

### 3. Texto eletrônico e texto impresso: universo diversificado de leituras e leitores

Ao discutir as leituras no mundo digital, Chartier (2002)<sup>4</sup>, para quem *é um mundo da superabundância textual cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos textos*, apresenta a seguinte discussão: como pensar a leitura diante de uma oferta textual em que a técnica eletrônica

<sup>3</sup> O estudo realizado pelo CERLALC encontra-se disponível em <http://www.cerlalc.org/> Acessado em 22 de junho de 2008.

<sup>4</sup> O texto de Chartier foi produzido originalmente para conferência em 20 de maio de 2001 durante a 10ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro.

tem mais poder de multiplicação do que a invenção da imprensa?

Para responder à tal questão, o historiador cultural francês propõe distinguir entre diversos registros de mutações ou rupturas introduzidas pela revolução do texto digital. A primeira delas diz respeito à ordem dos discursos, estabelecida a partir da relação entre tipos de objetos, categorias de textos e formas de leitura, sedimentada nas transformações históricas da cultura escrita, conforme já ilustramos. Para ele, é a ordem dos discursos que

“se transforma profundamente com a textualidade eletrônica. É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade” (CHARTIER, 2002, p. 23).

A segunda revolução operada na comunicação eletrônica, denominada ordem das razões, compreende *as modalidades das argumentações e os critérios ou recursos que o leitor pode mobilizar para aceitá-las ou rechaçá-las*. Nesse domínio, as fundamentações textuais digitalizadas dos hipertextos dos autores, entre os quais as notas de rodapé, as menções e as referências, supõe-se terem validação mesmo em um espaço tão suscetível a interferências do leitor. Para Chartier (*idem*),

“a revolução da textualidade digital constitui também uma mutação epistemológica que transforma as modalidades de construção e crédito dos discursos do saber.”

A terceira revolução da textualidade eletrônica, por sua vez, nomeada ordem das propriedades, fundamenta juridicamente a propriedade literária bem como define as características ou propriedades dos textos. Aqui o *copyright* é discutido, tendo em vista a mobilidade permitida por alguns textos digitais que podem ser copiados,

colados, alterados, refeitos sem a devida autorização do autor. E, mesmo nos casos de autorização, a quem caberiam os direitos autorais, aos autores ou aos editores das páginas da web?<sup>5</sup> Sobre as implicações jurídicas da autoria dos hipertextos, há, ainda, muito o que se discutir.

Dessa forma, embora se reconheçam diferenças entre a leitura inscrita sobre a tela e a inscrita sobre o papel, em virtude de sua materialidade, ambas se assemelham à medida que promovem práticas de leitura a um universo diversificado de leitores.

“A originalidade e a importância da revolução digital apóiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex. É ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender uma mutação que lança um profundo desafio a todas as categorias que costumamos manejar para descrever o mundo dos livros e a cultura escrita” (CHARTIER, 2002, p. 24).

A revista de informação do Ministério das Relações Exteriores e Européias, *Label France*<sup>6</sup>, numa perspectiva editorial, questiona se a vitalidade da edição estaria comprometida pelo desenvolvimento da Internet. Em resposta, o mesmo periódico afirma que, ao contrário do que se supõe, o número de títulos publicados anualmente está em constante progressão assim como o volume de negócios global da edição, fatores indicati-

<sup>5</sup> Para a discussão acerca de autoria, sugerimos a leitura de FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Tradução de António F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

<sup>6</sup> Nº 69, 1º trimestre de 2008. Também disponível em: [www.diplomatie.gouv.fr/label\\_france](http://www.diplomatie.gouv.fr/label_france)

vos de que também está crescendo o número de leitores. A matéria ainda acrescenta que a Internet facilita uma gestão mais eficiente para as livrarias, ao oferecer serviços de encomendas, devoluções, além de disseminar a informação sobre o livro. Em entrevista à *Label France*, o historiador do livro e da leitura Jean-Yves Mollier<sup>7</sup>, ao ser interrogado se os livros estariam ameaçados por telas e monitores, fez a seguinte declaração:

“É incontestável que as novas tecnologias, tais como as telas planas, que estão se tornando cada vez mais finas, o papel eletrônico, a tinta eletrônica<sup>8</sup>, o “pen drive”, que nos permite uma imensa biblioteca, terão um lugar cada vez maior. Porém, isso não vai liquidar o escrito. Vai simplesmente reduzir seu espaço”.

Nessa perspectiva, o mercado eletrônico encontra-se em franco desenvolvimento, uma vez que existem milhares de *sites web* voltados para a cultura livresca em todo o mundo. São revistas *on-line*, *blogs* animados por críticos literários ou por simples leitores, além de incontáveis endereços eletrônicos que disponibilizam a compra de livros *on-line*. A rede virtual, portanto, configura uma verdadeira indústria cultural, responsável pela produção, divulgação e consumo de produtos de cultura e conhecimento como faz a indústria editorial impressa.

No que diz respeito ao acesso *web* de bens culturais no Brasil, cujos direitos econômicos não são de exclusividade de nenhum indivíduo ou entidade, temos no Portal Domínio Público, criado pelo Ministério da Educação e Cultura, que reúne mais de 50 mil obras cadastradas em formato digital, entre textos, arquivos de som, imagens e vídeos. Desde novembro de 2004, foram baixados

virtualmente, por exemplo, mais de 7,8 milhões de cópias de textos das obras disponíveis, sem contar com os *downloads* das outras mídias. Ademais, o quantitativo mensal do número de visitas alcançou, em maio de 2008, aproximadamente 600 mil, num total equivalente a quase 10 milhões de acessos de 2004 até hoje<sup>9</sup>.

Embora o Portal de Domínio Público constitua um patrimônio cultural universalizado com divulgação legalmente autorizada, essa biblioteca virtual não é a única a promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas. O jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>10</sup> chama a atenção para a união das ilhas digitais das bibliotecas brasileiras, ainda que lentamente, por meio do projeto Rede da Memória Virtual Brasileira, da Biblioteca Nacional (BN). Ainda segundo a informação, a rede, até o momento, integra sete instituições do Sul e do Sudeste. A porcentagem digitalizada do acervo da BN é muito pequena, tendo em vista que somente cerca de 8 mil documentos tiveram formato digital, de um total de 9 milhões; a partir de 2008, porém, haverá verba específica para digitalização. Hoje, os leitores usuários da rede contam também com o maior acervo digital do mundo, o da Biblioteca do Congresso Americano, iniciado em 1995 com mais de 7,5 milhões de documentos<sup>11</sup>. Além deste acervo, existe a *World Digital Library*<sup>12</sup> (Biblioteca Digital Mundial), um projeto da Unesco, cujo propósito é disponibilizar, gratuitamente na Internet, tesouros da cultura de vários países, com textos explicativos em árabe, chinês, espanhol, inglês, francês, russo e português. No portal da WDL, os usuários poderão pesquisar temas relacionados à filosofia, história, religião e ciência.

Outros portais de leitura eletrônica, em âmbito público e privado, também promovem práticas que integram a herança cultural da humanidade, contrariando, portanto, a idéia de que

<sup>7</sup> Mollier ensina História contemporânea na Universidade de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines.

<sup>8</sup> A própria revista define “papel eletrônico” e “tinta eletrônica”. Esta é composta de pigmentos que reagem a estímulos elétricos e, por apresentarem um melhor contraste, melhora a legibilidade de exibição na tela. Aquele é uma espécie de membrana flexível quase da mesma espessura que uma folha de papel que permite o *download* de várias centenas de livros. Tal tecnologia, embora pronta, só deve ser comercializada apenas em 2010.

<sup>9</sup> Dados disponíveis em <http://www.dominiopublico.gov.br/> Acessado em 01 de julho de 2008.

<sup>10</sup> “Brasil ajuda a criar 1ª biblioteca digital mundial”. In *O Estado de S. Paulo* - 2/10/2007

<sup>11</sup> <http://www.loc.gov>

<sup>12</sup> <http://www.worlddigitallibrary.org/project/english>

vivemos uma crise da leitura e de que as pessoas não gostam de ler, ou ainda de que a Internet vem ameaçando o contato entre leitores e textos impressos. Tais premissas fazem parte de um discurso falacioso, haja vista que o julgamento errôneo de que as pessoas não lêem não se justifica diante das pesquisas aqui apresentadas tanto por órgãos nacionais quanto internacionais.

A idéia romântica de que apenas o impresso constitui a imagem positiva de leitura ideal também não se sustenta, se pensarmos nos inúmeros espaços de leitura virtual, como em cyber café/lan, por exemplo – para ficarmos apenas nos ambientes visitados com mais frequência pelos usuários que não dispõem de computadores. Isso mostra que as práticas de leitura promovidas no mundo contemporâneo denunciam uma maior difusão e democratização da leitura e do livro, o que pode proporcionar, conseqüentemente, maior efetividade do processo educacional brasileiro.

#### 4. Considerações finais

Ao nos depararmos com as novidades nas formas de ler em função das novas tecnologias surgidas em nosso meio, nos esquecemos de que, em outros momentos da história, antigas práticas já foram novas. Mesmo quando o grande invento de Gutenberg surgiu, por exemplo, mantiveram-se durante muito tempo os antigos materiais para receber o texto. Assim, o livro impresso não vai dar lugar à forma de um fino monitor; este servirá tão-somente de mais um suporte para receber o texto, a exemplo do que sempre aconteceu na convivência com outras materialidades da diversidade cultural, como o rádio, a televisão, a leitura do livro impresso ou digitalizado. Sob essa égide, é necessário que, devido aos novos paradigmas de mudança tecnológica e das novas formas de produção de bens simbólicos, haja uma adequação dos usos, dos quais o digital está investido, para o conhecimento do patrimônio cultural brasileiro e universal. A Internet não constitui, portanto, uma ameaça aos textos impressos; ao contrário, permite a disponibilização de informações e conhecimentos de forma livre e gratuita inclusive, promovendo outras possibilidades de acesso à cultura a milhares de leitores e usuários da rede em todo o mundo.

#### 5. Referências bibliográficas

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. 2. São Paulo: Ática, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim

Ferreira Alves. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido**. Cultura escrita: entre a distinção e apropriação. Trad. Maria de Lourdes M. Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. I. Moreto. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**. 2 ed. Brasília: EdUnb, 1999.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourett**. Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HEURÉ, Gilles. “O ato de ler continuará a progredir”. In **Label France**. Revista internacional da atualidade francesa, nº 69, 1º trimestre de 2008.

KHOURI-DAGHER, Nadia. Edição: um setor em transformação. In **Label France**. Revista internacional da atualidade francesa, nº 69, 1º trimestre de 2008.

MCKENZIE, Donald F. Bibliography and the sociology of texts. In **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

#### Referência em meio eletrônico

<http://www.camaradolivro.com.br/docs/Retratos%20da%20Leitura%20no%20Brasil> .

<http://www.cerlalc.org/>

<http://www.dominiopublico.gov.br/>

<http://www.estado.com.br/editorias/2007/10/02/ger-1.93.7.20071002.13.1.xml>

<http://www.loc.gov>

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

<http://www.worlddigitallibrary.org/project/english>